



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 20, n. 1, art. 12, p. 228-252, jan. 2023

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2023.20.1.12>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Gordofobia e Questões de Gênero na Perspectiva de Estudantes Pré-Adolescentes

Fatphobia and Gender Issues from the Perspective of Pre-Adolescent Students

Valdelice Cruz da Silva Souza

Mestra em Educação pelo PPGEDU da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
valczsouza@gmail.com

Josiane Peres Gonçalves

Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Dedicação Exclusiva da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
josianeperes7@hotmail.com

Endereço: Valdelice Cruz da Silva Souza
Rua Maria de Carvalho 990-B Dourados, MS, CEP
79812-010, Brasil.

Endereço: Josiane Peres Gonçalves
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de
Naviraí, Avenida Campo Grande, Saída para Ivinhema,
Km 4.79950000 - Naviraí, MS - Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar
Rodrigues**

Artigo recebido em 23/03/2022. Última versão
recebida em 03/11/2022. Aprovado em 04/11/2022.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Historicamente a imagem corporal passou por transformações, visto que outrora o corpo avantajado era considerado o ideal, por ser sinal de riqueza, e, na atualidade, esse modelo corporal é visto como feio, símbolo de desleixo, descontrole e falta de amor-próprio, causando repugnância e desprezo, fato esse que recentemente passou a ser denominado de gordofobia. Destarte, considerando os problemas ocasionados pela discriminação contra o corpo gordo, e que o desejo de ter o corpo magro, supostamente, afeta mais o gênero feminino, o objetivo deste estudo consiste em investigar as vivências de alunos pré-adolescentes, que se consideravam gordos ou estavam insatisfeitos com o próprio corpo, a respeito da gordofobia, bem como analisar a opinião de docentes e familiares sobre a mesma temática, evidenciando se a discriminação está relacionada com as questões de gênero. O referencial teórico baseia-se em discussões acerca da gordofobia, aparência corporal e relações de gênero. A pesquisa de campo, de natureza qualitativa, ocorreu por meio da realização de um grupo focal, com cinco pré-adolescentes, além da gravação de entrevistas com duas professoras e uma mãe de aluno. Os resultados evidenciam que o corpo magro é visto como o padrão de beleza e perfeição e, conseqüentemente, os indivíduos que não se enquadram nesse modelo, independentemente do gênero ao qual pertencem, estão suscetíveis ao preconceito e à marginalização.

Palavras-chave: Corpo Gordo. Discriminação. Gordofobia. Gênero. Pré-adolescentes.

ABSTRACT

Historically, the body image has undergone transformations, since in the past the large body was considered the ideal, as it is a sign of wealth, and today the same body model is seen as ugly, a symbol of carelessness, lack of control and lack of self-love, causing disgust and contempt, a fact that recently came to be called fatphobia. Thus, considering the problems caused by discrimination against the fat body, and that the desire to have a thin body supposedly affects the female gender more, the objective of this study is to investigate the experiences of pre-adolescent students, who considered themselves fat or were dissatisfied with their own bodies, regarding fatphobia, as well as analyzing the opinion of teachers and family members on the same topic, showing whether discrimination is related to gender issues. The theoretical framework is based on discussions about fatphobia, body appearance and gender relations. The field research, of a qualitative nature, took place through a focus group, with five pre-adolescents, in addition to recording interviews with two teachers and a student's mother. The results show that, according to the study, the thin body is seen as the standard of beauty and perfection and, consequently, individuals who do not fit this model, regardless of the gender to which they belong, are susceptible to prejudice and marginalization.

Key words: Fat body. Discrimination. Fatphobia. Gender. Pre-teens.

1 INTRODUÇÃO

O corpo humano sempre foi alvo de olhares críticos durante todo o processo de transformação da humanidade e, dependendo do contexto histórico e cultural, o corpo desencadeia percepções contraditórias, isto é, ora o corpo avantajado e volumoso foi visto como o melhor modelo, como sinal de saúde e riqueza; ora o corpo magro foi entendido como o modelo perfeito a ser obtido, como nos tempos atuais. Vale ressaltar que essa ideologia advém especificamente da sociedade ocidental capitalista, de tradição filosófica greco-romana.

Baseando-se nesses pressupostos, a área desejada para a pesquisa se refere à gordofobia, relacionando questões de gênero, especificamente aos padrões e estereótipos impostos pela sociedade. O interesse pelo tema surgiu durante a apresentação de relatório final elaborado para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em um evento exclusivo para os bolsistas PIBIC, em que uma acadêmica do curso de Psicologia apresentou sua pesquisa sobre a gordofobia. No decorrer da apresentação, ela abordou as diferenças entre os gêneros, especialmente sobre os padrões de beleza, em que o sexo feminino é considerado o mais afetado.

Diante dessa problemática, isto é, a valorização do corpo magro, percebe-se que, na atualidade, quem não possui o padrão de beleza exigido pela sociedade tende a sofrer discriminações por sua aparência, causando repúdio, exclusão social, ridicularização, desprezo e olhares críticos à sua imagem, fato denominado gordofobia, ou seja, estigma que aflige pessoas consideradas acima do peso, conforme Melo, Farias e Kovacs (2017).

Do mesmo modo, tornam-se evidentes as relações de gênero relativas ao padrão ideal para corpo, visto que, no decorrer da história, o sexo feminino foi considerado o mais penalizado pela gordofobia, devido à valorização exacerbada da estética e aparência feminina, que costuma ser influenciada principalmente pela ótica masculina. Assim, desde criança, as meninas recebem informações de que, para serem consideradas bonitas e se sentirem aceitas socialmente, devem buscar o corpo perfeito, baseado nos paradigmas que a sociedade impõe, de valorizar apenas o corpo magro, gerando apavoramento em relação ao corpo gordo.

Na sociedade atual, a mídia exerce muita influência nesse processo de percepção sobre o corpo humano, porque as propagandas veiculam ideias de que corpo bonito é somente o magro. No mundo da moda ou cinematografia, não há espaço para pessoas gordas, os papéis principais televisivos são designados a atores que atendem aos padrões de beleza, os quais são apontados como exemplos de boa forma física. Para os gordos, são delimitados papéis que

representam fraqueza, falta de perspectiva, digno de pena e de humor, de acordo com os estudos de Pereira e Oliveira (2016).

Vale ressaltar que essa ideologia que molda o pensamento dos indivíduos é também predominante em âmbito escolar. As crianças que fogem desse protótipo costumam ser vítimas de discriminações e ofensas em relação à sua massa corporal, passam a sofrer exclusão social, agressões, desmotivação quanto à realização pessoal e apelidos pejorativos, devido ao seu peso corporal, tornando-se alvos de perseguição.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A preocupação com o corpo tem despertado um interesse especial dos pesquisadores, no campo educacional, social e psicológico, pois, a partir da imagem corporal, criam-se paradigmas, discriminação e repugnância, afetando o desenvolvimento dos indivíduos. Pesquisadores como Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004), Pereira e Oliveira (2016), Melo, Farias e Kovacs (2017) salientam que pessoas com o peso acima do “ideal” tendem a sofrer rejeição social, são marginalizadas, recebem nomes pejorativos.

Nessa perspectiva, ao investigar crianças da quarta série do Ensino Fundamental sobre a temática, Martins (2006) constatou que as crianças pesquisadas possuíam medo de se tornarem gordas, e que cada vez mais aumenta o número de adolescentes com transtorno alimentar, devido ao receio de engordar. Tal fato ocorre não por haver preocupação com a saúde, mas pela busca de aceitação e pertencimento ao padrão dito normal bem como pela intenção de evitar os olhares de reprovação ou ouvir nomes ofensivos.

Nesse sentido, Carvalho e Ripoll (2012), examinando personagens considerados acima do peso, por meio das investigações em filmes hollywoodianos, percebeu que a imagem da mulher gorda está relacionada ao descontrole, à falta de amor-próprio e à falta de esforço. As autoras salientam que o gênero mais atingido é o feminino, por ser considerado fraco, obsessivo, patológico, e que o campo cinematográfico e midiático se tornou uns dos principais meios de ser propagar tal ideologia.

Nessa conjuntura, a motivação de realizar esse estudo relacionado ao tema gordofobia e estereótipo de gênero é de buscar evidências sobre as experiências e sentimentos dos pré-adolescentes em relação aos preconceitos referentes ao seu aspecto corporal, e de descobrir se há diferenciação quanto ao sexo, considerando que, nessa faixa etária, as pessoas passam por um processo de formação de identidade, isto é, começam a se localizar no mundo.

Em vista disso, a presente pesquisa tem por finalidade investigar as vivências de alunos pré-adolescentes que se consideravam gordos ou estavam insatisfeitos com o próprio corpo. Outra finalidade é analisar a opinião de docentes e familiares sobre a mesma temática, evidenciando se a discriminação está relacionada com as questões de gênero. Para atender aos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de campo em uma turma de 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Naviraí-MS.

Para a coleta de dados, foi utilizado inicialmente um questionário fechado com os pré-adolescentes, o qual foi respondido por todos os alunos da sala (22 no total) e, com base nesses dados, foram selecionados cinco pré-adolescentes que se consideravam gordos, ou estavam insatisfeitos com o próprio corpo, para a realização do grupo focal. Do mesmo modo, realizou-se entrevista semiestruturada com uma mãe e duas professoras, possibilitando uma análise dos sentimentos dos entrevistados, considerando os gestos e expressões que vão além da fala, ou seja, aspectos que exprimem o pensamento, os quais possivelmente não costumam ser expostos oralmente.

Quanto à relevância do tema, deve-se ao fato de a gordofobia ser um dos preconceitos intenso na sociedade e se faz presente no contexto escolar. Assim, é importante problematizar o assunto bem como as questões pessoais e interpessoais relacionadas ao corpo e como os sujeitos lidam com a problemática, com os fatores que aumentam a discriminação e como as pessoas são afetadas pelo preconceito, já que o sujeito subjugado por paradigmas de perfeição pode desenvolver sérios problemas psicológicos, que afetam o desenvolvimento escolar.

Portanto, a pesquisa realizada possui um valor social, teórico e prático, pois analisa pré-adolescentes no seu convívio escolar. Desse modo, a expectativa desse escrito é que o levantamento de dados como entrevistas, artigos científicos, principalmente os de depoimentos pessoais, sejam observados, e que a análise propicie maiores conhecimentos na área, adquirindo um saber contribuinte à evolução do ser humano no aspecto social.

2.1 Definições sobre gordofobia e as preocupações relacionadas ao corpo

Com base nos estudos já realizados por autores que exploram a relação do ser humano com o seu próprio físico, nota-se que o corpo gordo é caracterizado como algo ruim, desprezível, inferior, e que se deve evitar a qualquer custo, pois não faz parte dos padrões aceitos pela sociedade. Do mesmo modo, o corpo gordo costuma ser vítima de preconceitos e

nomes depreciativos que ofendem e comprometem a autoestima dos indivíduos. Tais atitudes de repugnância, intolerância e rejeição, atualmente são denominadas como gordofobia, ou seja, a agressão sofrida por pessoas quanto à sua aparência física, no caso, o corpo gordo (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017).

O termo gordofobia foi utilizado por um movimento feminista que se manifestou entre o século XIX e XX, defendendo os direitos das mulheres, principalmente ressaltando a liberdade, para que elas fossem livres de imposições sociais em relação ao próprio corpo e, de forma análoga, das questões de desigualdade de gênero existentes nesse período. Dessa forma, Pereira e Oliveira (2016) afirmam que:

A primeira onda ocorreu no século XIX e se estendeu até o século XX. A segunda onda, por sua vez, teve início na metade dos anos 60. A pauta da luta foi a reivindicação de direitos à vida pública e a igualdade entre gêneros [...]. Alguns historiadores apontam, ainda, uma terceira onda, que teve início na década de 90, quando as ativistas buscaram ampliar o debate e começaram a contestar a autonomia de seus corpos e sua liberdade sexual para que o corpo da mulher não fosse mais visto como propriedade do patriarcado (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016, p. 3).

As autoras sustentam que, em 1990, a população feminina foi profundamente influenciada pelo modismo do corpo perfeito. A “ditadura da magreza começa a influenciar os costumes das mulheres da década [...] O estereótipo de mulher magra e alta começa a ser expandido como novo modelo estético, e alcançar o padrão exigido passa a ser um esforço” (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016, p. 3). Nesse sentido, o referido movimento tem por intuito “Questionar esses padrões estéticos é desconstruir os conceitos de feminilidade e beleza impostos à mulher, principalmente à mulher gorda” (p. 3), apontando, assim, reflexões de modo a desestruturar tal ideologia.

Cabe salientar que a discriminação inerente à pessoa gorda ocorre desde a infância, quando se aprende a repudiar, a desprezar o corpo gordo, conforme salientam Pereira e Oliveira (2016, p. 4): “Ninguém nasce repudiando e hostilizando a mulher gorda, não se trata de uma questão biológica, mas sim, social. Somos ensinados, desde criança, que ser magro é sinônimo de popularidade e realização pessoal”.

Outra questão levantada por Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004), deve-se ao fato de que a pessoa gorda, por ser vista como desmazelada, indolente, lerda, feia, dentre outros estigmas, tendem a ter dificuldades em se inserir no mercado de trabalho, pois sua aparência não serve para representar uma companhia; da mesma maneira, conceitua-se que o indivíduo gordo seja doente, incapaz e arruinado, formando uma péssima concepção dele perante a sociedade.

Quanto ao problema proposto, Melo, Farias e Kovacs (2017) corroboram com a ideologia de que o corpo gordo gera estranhamento e repulsa, o que fica explícito nas declarações dos entrevistados de sua pesquisa, apontando que, no mínimo, são engraçados, mas de uma maneira pejorativa e sempre relacionados a piadas que os diminuem.

[...] As respostas dos participantes foram: “os gordos são engraçados e bobos; são incapazes e mentirosos; são feios, horríveis, estranhos, mas engraçados; a única forma que têm de chamar atenção é pelo riso, pois não têm beleza nenhuma; estão para divertir e conseguir vender os produtos da empresa; estranhos, desajeitados; os gordinhos servem para os magros fazerem chacota, pois são ‘abestalhados’, bobos; estão fora dos padrões de beleza”. A imagem que fica está relacionada aos estigmas vinculados ao ser gordo (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017, p. 319).

São perceptivas as várias ofensas recebidas pelas pessoas gordas; tal situação as leva a criar ódio de si, não aceitando seu próprio corpo. Desse modo, considera-se a relevância de desenvolver pesquisas que abranjam essa temática no âmbito escolar para, assim, vislumbrar as dificuldades enfrentadas pelos pré-adolescentes em relação à exclusão por não portarem os padrões exigidos pela sociedade.

As preocupações relacionadas ao peso e o enaltecimento do corpo magro surgem pelo viés da medicina: “A cultura ocidental valoriza a magreza embasada principalmente pelas descobertas da biomedicina, que transformou o corpo gordo em sinônimo não apenas de falta de saúde, mas em um ‘corpo desumanizado’; um caráter pejorativo de falência moral” (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017, p. 306). Com isso, associa-se que por se gorda, a pessoa automaticamente não está saudável.

2.2 O corpo no passado e na atualidade

As preocupações com o corpo, ao longo do tempo, sofreram transformações, principalmente em algumas organizações sociais. De acordo com Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004), as aflições referentes à aparência do corpo se contradizem, dependendo do contexto histórico, como, por exemplo, nos séculos XVI e XVII, o corpo gordo seria o modelo ideal, entendido como sinal de riqueza, de pessoas bem-sucedidas e sinônimo de beleza.

[...] A gordura, enquanto alimento e enquanto constituinte do corpo, era até então percebida como algo saudável, uma característica atribuída aos ricos, enquanto a magreza, ao contrário, era um sinal de falta de saúde, de pouca beleza e principalmente sinal de pobreza (VASCONCELOS; SUDO; SUDO 2004, p. 72).

De forma similar, Rodrigues (2013) frisa que, na Idade Média, um período da história humana em que os alimentos eram escassos, o corpo gordo era atrativo e almejado do ponto de vista estético porque simbolizava saúde e vitalidade, demonstrava que o indivíduo fazia parte de uma classe social superior e dominante. Assim, não havia nenhum interesse pelo corpo magro, pelo contrário, era repudiado e evitado com a mesma intensidade que o corpo gordo atualmente.

Nesse sentido, Priori e Freire (2005) evidenciam que o olhar voltado ao corpo é socialmente construído e apontam que no século XX, nos países europeus, as mudanças de pensamento referente ao corpo começam a surgir especificamente pela “[...] entrada da mulher, no mundo do exercício físico, do exercício sobre bicicletas, nas quadras de tênis, nas piscinas e praias, trouxe também a aprovação de corpos esbeltos, leves e delicados” (PRIORI; FREIRE, 2005, p. 221).

Pelo mesmo viés, Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004) asseguram que, na atualidade, esse pensamento não só se mantém como também ganhou forças por meio de propagandas que aumentam o conceito do corpo ideal.

Em nenhuma outra época, o corpo magro adquiriu um sentido de corpo ideal e esteve tão em evidência como nos dias atuais: esse corpo, nu ou vestido, exposto em diversas revistas femininas e masculinas, está definitivamente na moda: é capa de revistas, matérias de jornais, manchetes publicitárias, e se transformou em um sonho de consumo para milhares de pessoas (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004, p. 68).

Nesse contexto, o que entra em discussão é o fato de a mídia ter uma forte influência sob os indivíduos, utilizando propagandas de televisão, telenovelas, anúncios de revistas. Em seu texto, Melo, Farias e Kovacs (2017) pontuam que:

[...] O corpo perfeito está na moda e os debates presentes na televisão e comerciais, matérias publicadas em revistas, jornais, internet, bem como outros meios de comunicação, sempre destacam a dieta, a forma perfeita, os medos da gordura e como não engordar e ter um corpo perfeito (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017, p. 306).

Compreende-se, portanto, que tais artifícios exibem um padrão de beleza difícil de se obter, fazendo com que, não conseguindo satisfazer essas exigências, o indivíduo se sinta fracassado e inferior socialmente. De forma similar, Wiggers, Siqueira e Passo (2014) analisam a influência midiática em relação ao corpo infantil, visto que a criança desde pequena internaliza padrões sociais que lhe são impostos, o que fica explícito em suas brincadeiras, em que se percebe o anseio de se assemelhar aos personagens que representam o corpo ideal.

Considerando que a mídia propala as manequins como modelos de corpos femininos “perfeito” e os super-heróis como os seres fortes, imbatíveis e capazes de acabar com o mal, não é de se surpreender que as crianças expressem o desejo de tornarem seus corpos semelhantes aos padrões que lhe são apresentados (WIGGERS; SIQUEIRA; PASSO, 2014, p. 5160).

Nesse sentido, entende-se que há um esforço do campo industrial e da moda em persuadir os pensamentos referentes à aparência do corpo nas esferas social e cultural, utilizando a mídia como ferramenta para alcançar seus objetivos, conforme apontam Beck e Guizzo (2016, p. 7): “[...] a mídia, juntamente com outras instâncias, tem operado como uma pedagogia cultural em nossas vidas [...] educa comportamentos e práticas ao veicular e produzir saberes, incitando na constituição de identidade de gênero”.

2.3 Gordofobia e gênero

Tendo em vista que os indivíduos são influenciados por paradigmas sociais que determinam o que é um “corpo perfeito”, e ao considerar que, na maioria dos casos de gordofobia, há uma relação com o gênero feminino, Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004) aludem que existe o pensamento de que a mulher gorda não é bonita e nem pode ser sinônimo de elegância, pelo contrário, somente as mulheres magras possuem encanto e formosura.

Por esse prisma, Pereira e Oliveira (2016) argumentam que para as mulheres, ainda pequenas, a aparência do corpo torna-se algo crucial, pois as imposições midiáticas expressam, como modelos de beleza, um corpo magro e curvas perfeitas. “Na televisão, tudo que ela vê são princesas magras e ‘perfeitas’ que aguardam a chegada do príncipe encantado” (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016, p. 3), cultivando, assim, a impressão de que só serão aceitas socialmente se fizerem parte desses padrões.

Nessa perspectiva, é possível identificar fortemente as questões de gênero que se referem às ações socialmente designadas ao sexo biológico: “[...] não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 1997, p. 22). Percebe-se então que, devido aos ideais construídos socialmente, as relações e comportamentos que diferem o homem da mulher são consideradas relevantes.

Para a referida autora, é nítido nas relações sociais as práticas e concepções que distinguem os sexos, que moldam características e papéis que são considerados adequados e que devem ser seguidos. Assim, o gênero se explica em universo feminino e masculino,

constituindo a identidade de gênero, que determina uma conduta aos sujeitos, estabelecida pela sociedade e internalizada nos seres humanos. “Uma lógica que parece apontar para um lugar ‘natural’ fixo para cada gênero” (LOURO, 1997, p. 32), entendido como espaço social que deve ocupar.

Outro ponto ressaltado pela autora diz respeito à oposição entre os gêneros, visto que existem normas construídas socialmente que estipulam relações de poder do homem sobre a mulher: “[...] Em consequência dessa lógica, supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado, e essa seria a única e permanente forma de relação entre dois elementos” (LOURO, 1997, p. 33). Nota-se, portanto, que, historicamente, os gêneros são diferenciados de forma desigual.

Nesse contexto, Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004, p. 71) ponderam que a beleza feminina segue de acordo com os interesses do sexo masculino, que impõe, de certa forma, o modelo de corpo ideal exigido para as mulheres: “[...] é que a beleza passa a ser, dentro do contexto simbólico, um meio, ainda que precário, de ‘ação social’, quando os meios formais, sejam os jurídicos, culturais, econômicos e políticos, se tornam difíceis para as mulheres”, ou seja, esse modelo torna-se um martírio para o sexo feminino.

Sob essa ótica, Scott (1998, p. 8) salienta a naturalidade com que as mulheres foram submetidas, socialmente, aos homens, fato denominado de patriarcado, significando que “[...] concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontram explicação na ‘necessidade’ de o macho dominar as mulheres”, incluindo o direito de o sexo masculino impor como deve ser o corpo feminino.

Sendo assim, Vasconcelos, Sudo e Sudo (2004) afirmam que o sexo feminino é o mais afetado pela discriminação em relação à estética envolvendo o corpo, por isso, as mulheres procuram, a qualquer custo, obter o corpo perfeito. “Esta insatisfação com a imagem corporal é influenciada pelo ‘ideal cultural de magreza’ e que tem, como consequência, uma adesão por parte, principalmente das mulheres, em dietas, cada vez mais cedo” (VASCONCELOS; SUDO; SUDO, 2004, p. 77), o que evidencia claramente as distinções de gênero. Nesse sentido, Scott (1998, p. 3) aponta que:

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados.

Desse modo, percebe-se, na análise de Scott (1998), que a maneira como a sociedade representa o gênero, ou seja, o sentido dado a ele, refere-se às divisões de atitudes e

trabalhos, levando em consideração o sexo biológico em todas as esferas sociais, incluindo a ordenação âmbito familiar em que o trabalho remunerado, na maioria das vezes, é função do homem, restando para as mulheres os afazeres domésticos e cuidados com os filhos, pensamento esse que é construído socialmente e que ocorre de forma subentendida.

3 METODOLOGIA

A abordagem metodológica utilizada pauta-se em pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratório-descritivo, sendo os sujeitos cinco estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Naviraí MS, duas professoras que lecionavam nas turmas dos pré-adolescentes e uma mãe. A pesquisa qualitativa com relevância à elaboração de estudos científicos é favorável a novas descobertas, como defendem Alves-Mazzoti e Gewandszajder (2000):

De qualquer forma, o fato de uma pesquisa se propor à compreensão de uma realidade específica, ideográfica, cujos significados são vinculados a um dado contexto, não a exime de contribuir para a produção do conhecimento. Seja qual for a questão focalizada, é essencial que o pesquisador adquira familiaridade com o estado do conhecimento sobre o tema para que possa propor questões significativas e ainda não investigadas (ALVES-MAZZOTI; GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 151).

Sob essa ótica, Duarte (2004) discorre sobre as vantagens de se utilizar a metodologia qualitativa, pois compreende que elas são essenciais para obter dados que não estão devidamente explícitos, permitindo também que os sujeitos se sintam confortáveis para responder às perguntas. Desse modo, tal método possibilita que os pesquisadores investiguem a fundo informações contidas e internalizadas no contexto real dos entrevistados.

Em relação à pesquisa exploratória, Gil (2008) argumenta que “[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade ao problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses” (GIL, 2008, p. 41). O autor salienta que as pesquisas descritivas se estabelecem como “[...] aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc” (p. 42). Sendo assim, compreende-se que tais procedimentos consentem um relacionamento mais próximo entre pesquisador e os sujeitos, evidenciando a organização social.

Referente ao grupo focal, Gatti (2005) pondera que tal procedimento é considerado como uma entrevista de interação entre pessoas que compartilham um mesmo dilema, as

mesmas vivências, mesmas emoções e opiniões, o que possibilita uma discussão em que todos os participantes se sintam livres para concordar ou expor críticas e discorram sobre seus problemas. Sendo assim, compreende-se que:

O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de ponto de vista e processos emocionais pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que com outros meios poderiam ser difíceis de se manifestar (GATTI, 2005. p. 9).

Quanto ao local que foi escolhido para a pesquisa, optou-se pelo âmbito escolar com cinco adolescentes do 5º ano do Ensino Fundamental, duas professoras e um familiar do município de Naviraí – MS. Os critérios para a escolha dos sujeitos foram: ser estudantes de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Naviraí MS, que se consideravam gordos, abrangendo ambos os sexos. Sendo assim, a organização desse estudo constituiu-se em etapas, as quais foram fundamentais para conduzir a pesquisa:

1ª etapa: respaldou-se no levantamento bibliográfico imprescindível à fundamentação teórica do estudo, constituída a partir de periódicos, dissertações, teses e livros que vão ao encontro dos objetivos da pesquisa, assim como a metodologia abordada, sob as perspectivas de autores que exploram assuntos relacionados à gordofobia, gênero, entre outros, como: Carvalho e Ripoll (2012), Pereira e Oliveira (2016), Vasconcelos, Sudo e Sudo (2014), Martins (2006), Melo, Farias e Kovacs (2017), Louro (1997), Scott (1998), Duarte (2004), Gil (2008) e Alves-Mazzoti (2000), etc.

2ª etapa: escolha da escola e da turma de 5º ano, priorizada pelo fato de os alunos estarem transitando para a pré-adolescência. Um questionário foi respondido por todos os alunos da turma (22 ao total), contendo questões abertas e fechadas, como peso e altura, para identificar, por meio do Índice de Massa Corporal (IMC), quem participaria da pesquisa. Para isso, foi utilizada a fórmula do IMC, em que se divide o peso (P) pelo resultado da altura (A) multiplicada por ela mesma (P/ AxA).

Vale ressaltar que tal procedimento possibilitou o apuramento dos cinco adolescentes escolhidos, os quais foram selecionados a partir de sua percepção corporal e a autoimagem, ou seja, como se viam e se sofreram discriminações quanto ao corpo, o que também foi fundamental para a elaboração dos roteiros para a entrevista das professoras e da mãe. Posteriormente, em outra data propícia aos pré-adolescentes, foi realizada a atividade inerente ao grupo focal, em que todos os participantes conversaram entre si e emitiram suas opiniões sobre o tema da pesquisa, de maneira cômoda e espontânea.

Tal atividade foi realizada na biblioteca da própria instituição, fato considerado, pela pesquisadora, como uma experiência única, devido à confiança com que falavam, pois estavam bem confortáveis para expor suas vivências. O espaço foi escolhido pelo fato de os participantes estarem mais familiarizados com o local. Essa atividade teve duração de aproximadamente meia hora e foi registrada em forma de áudio e vídeo, para facilitar a análise dos dados.

3ª etapa: realização de entrevistas semiestruturadas com as professoras e com uma mãe desses pré-adolescentes, que possibilitou uma análise dos sentimentos dos participantes, considerando os gestos e expressões que foram fundamentais para a análise. *A priori*, o intuito era entrevistar dois familiares e seis pré-adolescentes, todavia, somente uma mãe aceitou participar da pesquisa. Do mesmo modo, os pais de um dos alunos não permitiram que o filho fosse entrevistado por motivos de crenças religiosas, devido à interpretação da palavra gênero.

Sendo assim, para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, foi feita a opção por utilizar nomes fictícios, como: A1, A2, A3, A4 e A5, para os pré-adolescentes, P1 e P2, para as professoras, e M para a mãe. A P1, com 35 anos, lecionava a disciplina de Língua Portuguesa e Matemática. A P2, com 32 anos, lecionava a disciplina de Artes. A mãe tinha 37 anos e era também professora. Quanto aos alunos, a faixa etária variava entre 9 e 13 anos, sendo quatro meninos e apenas uma menina. Os dados obtidos por meio da pesquisa de campo são apresentados e analisados na sequência.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Conceito e sentimentos dos pré-adolescentes em relação ao corpo e ao preconceito

No primeiro questionário da pesquisa, que foi respondido por 22 dos pré-adolescentes, foi possível notar os estereótipos corporais internalizados pelos alunos, visto que, ao comentarem sobre o tipo de corpo que consideravam mais bonito, todos foram unânimes em apontar o corpo magro, evidenciando a concepção de corpo idealizado por eles.

Tal perspectiva vai ao encontro da pesquisa realizada por Freitas et al. (2010), em que os participantes consideraram o corpo magro o modelo mais belo. Os autores ressaltam que pensamento como esse se deve à construção histórica e representações sociais que precedem ao corpo e ao gênero, isto é, as pessoas são ensinadas socialmente a verem o corpo físico e biológico de uma determinada maneira, dando um sentido hegemônico para sua

função e aparência. Sendo assim, Freitas et al. (2010) relacionam gênero e a ideologia do corpo perfeito como resultados acumulados por uma determinada sociedade:

Inseridos na mesma cultura, fruto do processo de acumulação de informações e representações resultante de todo passado histórico das gerações anteriores, homens e mulheres, ao mesmo tempo em que carregam consigo o que fazem os masculinos e femininos, são por vezes socialmente programados com base nos mesmos critérios. Por isso, avaliam igualmente como belo o corpo magro, ao mesmo tempo em que percebem como não-belo o corpo obeso (FREITAS et al., 2010, p. 399).

Desse modo, durante a realização do grupo focal, percebeu-se que os pré-adolescentes não se sentiam bem com sua forma física, ficando evidente que o sentimento em relação ao corpo era de descontentamento devido ao peso, fato esse ligado à internalização cultural do corpo perfeito, como relata a A1: “Eu não queria ser assim, eu queria ser um pouco mais magra”. Frases como essa sugerem que se encontra internalizada a ideia de que para se sentir bem com o corpo é necessário ser magro.

Nesse sentido, Neto e Campos (2010, p. 89) discorrem que “O corpo está constituindo fonte de sofrimento, de frustração e de insatisfação” e que cada vez mais os indivíduos estão descontentes com o modelo de seu corpo. Isso se explica devido ao fato de o corpo ser um componente relevante na sociedade. Por isso, os pré-adolescentes se sentem desconectados, envergonhados e fracassados se não atingirem os padrões estabelecidos: “É magoamento né, por causa de mim mesmo” (A3), situação essa que levará à vida adulta, visto que:

É no corpo que se dá a acomodação das sensações que posteriores dará lugar como representações de si mesmo, as referências identitárias são enraizadas nas expectativas com respeito ao corpo [...] A busca pela identidade pessoal é a encarnação de todo um complexo sistema de relações sociais presentes antes mesmo da existência do sujeito no mundo, portanto, é possível compreender que o corpo é um vetor importante para a construção de identidade do indivíduo, bem como, possui real importância para a interação nos grupos sociais (FORT; SKURA; BRISOLARA, 2016, p. 1).

Outro ponto discutido no grupo focal foi que os pré-adolescentes sofrem pressões externas para emagrecerem, como citado pelo A3: “[...] ficam falando ‘Ah, come menos’, ‘Ah você é gordo’”; e mencionado também pelo A1: “[...] eu acho que só a gente parar de comer mesmo”. Tais relatos sugerem que os adolescentes se sentem culpados por ingerirem alimentos. Em alguns momentos do diálogo, afirmaram que são merecedores de maus tratos por estarem acima do peso, a ponto de permitirem ofensas e xingamentos, como também é relatado pelo A3: “Às vezes até você, tipo assim, você está discutindo com uma pessoa, sobre

coisas que não têm nada a ver, mas daí ela já fala ‘Ah cala a boca seu gordo, cala a boca’. Aí, tipo..., não tem como você falar nada, porque você já é gordo mesmo”.

Esse sentimento de culpa, bem como os padrões de beleza idealizados pelos pré-adolescentes, são construções sociais, expandidas a partir da perspectiva da medicina e da religião. De acordo com Melo (2015), essa ideologia foi estabelecida para demonstrar o domínio e controle pessoal, significando uma comunicação e obediência à figura divina, e acreditando que o descontrole seria um pecado carnal. “Muito do que diz respeito ao preconceito em torno do corpo gordo tem suas raízes na religião. O cristianismo é um exemplo da propagação da ideia de excesso de alimentação como pecado da carne” (MELO, 2015, p. 29).

Vale ressaltar que o presente estudo não possui a finalidade de desconsiderar os perigos da obesidade, mas sim, analisar as situações desconfortantes de gordofobia contra o corpo acima do peso. No entanto, “[...] a medicina tem um importante papel na disseminação do corpo magro aliado à autorrealização. Pouco índice de gordura corpórea é frequentemente associado à saúde” (MELO, 2015, p. 133). Desse modo, em um momento da conversa, um aluno expôs sua preocupação com o corpo, devido aos problemas de saúde e sua vontade de emagrecer devido à agilidade que o corpo magro supostamente promove, isto é, de conseguir correr ou se movimentar rapidamente, como aponta A2:

Depende da situação, tipo, o meu corpo, ele, ele se cansa muito rápido, ou seja, gordo se cansa muito rápido. E no futuro pode..., eu posso ter problema cardíaco, cardiorrespiratório, por isso, eu estou procurando fazer uma dieta, para emagrecer meu corpo (A2).

Segundo Neto e Campos (2010 p. 9), a ideia que se expande é a de “[...] que o adolescente necessita ser desejado, querido e aceito, e manter um corpo bonito esbelto e esguio [...] já que vive em busca de aceitação social”. Nesse aspecto, as respostas foram parecidas entre os adolescentes: “Às vezes também eles não deixam a gente brincar por causa do nosso peso” (A1), evidenciando a rejeição que as crianças sofrem devido aos seus corpos; “Ah! nem consegue correr e quer brincar com a gente” (A3). Situações como essas evidenciam exclusão social e aflições que os alunos sofrem por não serem aceitos.

Dessa maneira, o que ficou mais evidente nos relatos dos pré-adolescentes é o sentimento de inferioridade devido a frases ofensivas, tais como: “Eles ficam me chamando de gordo, baleia” (A5), ou com brincadeiras verbalmente agressivas relatadas pelo A4: “Tinha muita gente que não gostava de mim e que falava uma frase: gordo, baleia, saco de areia”. Ofensas como essas acarretam tristeza para os pré-adolescentes: “[...] é, parece que já é um

preconceito, que não gostam de gordo” (A4), evidenciado também que a gordofobia está cada vez mais presente nas instituições escolares, o que para Scutti et al. (2014) é considerado como principal motivo da exclusão social. Portanto:

Na sociedade, um fator importante que gera a exclusão social é o aumento de peso, que se tornou sinônimo de feiura e gera discriminação. As crianças e os adolescentes são os que mais sofrem com esse tipo de violência, que é atualmente denominada *bullying*, caracterizado por comportamentos agressivos e repetitivos feitos intencionalmente, com maior incidência na faixa etária de 11 a 15 anos, podendo ser praticado de forma verbal (como apelidos pejorativos), física (com agressões) ou relacional (exclusão social) (SCUTTI et al. 2014, p. 131).

Por esse prisma, Sampaio (2017, p. 19) argumenta que atualmente, por meio de atitudes gordofóbicas, os indivíduos passam a se retrair devido à incapacidade de se encaixar nos padrões exigidos, bem como pela pressão social. Assim, A4 reconhece que “[...] tem vezes que as pessoas usam essas palavras aí pra se desfazerem da gente”, como se o indivíduo que tem o corpo gordo seja o único responsável por sua estrutura corporal. A gordofobia refere-se a um preconceito responsável pela exclusão social devido à massa corpórea, como discorre Sampaio (2017):

Das diversas facetas preconceituosas que encontramos em nossa sociedade, temos a gordofobia, configurada na aversão ou repulsa ao corpo gordo, que causa um sentimento de raiva e necessidade de afastamento do indivíduo gordo, ou, como no caso das piadas, atravessada pelo discurso debochado, por conseguinte, humilhante (SAMPAIO, 2017, p. 18).

Nessa conjuntura, os pré-adolescentes pesquisados demonstraram estar com a autoestima baixa por não conseguirem diminuir seu peso, como externalizado pelo A4: “É triste! Tem vez que eu vou à balança e na hora que eu olho meu peso, assim..., está acima do que eu deveria estar”. O A3 expressa sentimento de vergonha: “Às vezes, quando eu subo na balança, eu olho bem se não tem ninguém olhando para mim, aí eu vou naquela balança!” Já o A1 demonstra insatisfação por não encontrar roupas adequadas para seu corpo: “[...] é que eu ganhei dois shorts e não dá para eu usar”.

De acordo com Zottis e Labronici (2003, p. 4), a pessoa que não atinge o padrão estipulado depara-se com dificuldades de encontrar vestimentas que lhe sirvam, problemas com transporte e relações pessoais, causando o desejo de se esconder: “[...] como mecanismo de defesa, o corpo obeso deixa de se olhar no espelho, deixa de se pesar. Foge da balança e não tira fotos” (ZOTTIS, LABRONICI, 2002, p. 12), fazendo com que a pessoa gorda se sinta cada vez menos insatisfeita com seu corpo. Sendo assim,

Diante de tanta discriminação e preconceito, fica difícil manter uma imagem corporal e uma autoestima positiva sem a presença de depressão e outras perturbações. Os sintomas depressivos e ansiosos são frequentemente identificados em corpos obesos, e encontram-se principalmente nas várias formas comportamentais de baixa autoestima (ZOTTIS, LABRONICI, 2002, p. 12).

Vale ressaltar que a A1, durante as discussões, foi considerada pelo grupo como não tendo excesso de peso, contudo, ela acredita estar fora do padrão pelo fato de não ter o corpo exatamente como é exigido socialmente, bem como devido às palavras ofensivas que lhe são direcionadas por não ser completamente magra, evidenciando que o padrão de magreza é cada vez mais difícil de ser atingido. Nos relatos da pré-adolescente, percebe-se como é enaltecido o corpo magro: “A minha prima, ela era mais, ela era gorda né, ela era bem gorda, e aí ela foi fazendo dieta, deixou de tomar tanto refri, e agora ela tem o corpo bem bonito, ela é tão bonita” (A1).

Nessa perspectiva, Vilhena, Novaes e Rocha (2008, p. 392) asseguram que na atualidade os indivíduos tendem a buscar constantemente uma estrutura corporal que não coincide com a realidade brasileira. Assim, “[...] tratam de seu corpo com profunda tirania, privando-o de alimentos, mortificando-o nas inúmeras cirurgias ou submetendo-o a exercícios físicos torturantes” (VILHENA; NOVAES; ROCHA, 2008, p. 392). Desse modo, na tentativa de satisfazer os anseios sociais que prezam pelo corpo magro, os sujeitos passam a viver em um grande dilema de decisão, isto é, uma vida de sacrifícios ou de preconceito.

4.2 As vivências referentes à gordofobia dos pré-adolescentes: o âmbito familiar e escolar

O contexto social é um território fértil para a reprodução de pensamentos alusivos ao corpo, uma vez que determina como ele deve ser estruturado, empregando simbologias e juízos, conforme analisa Novaes (2001, p. 4): “[...] o corpo produz, continuamente, um sentido, inserindo-se em um espaço social, ou seja, longe de ser apenas algo da ordem do biológico, o corpo terá sempre uma dimensão social e cultural”.

Nesse contexto, a fim de conhecer as situações de preconceito em todos os campos sociais, buscou-se analisar as opiniões e sentimentos de professores e pais dos pré-adolescentes escolhidos para o grupo focal. No entanto, somente uma mãe aceitou falar sobre o tema abordado; na escola, não houve objeção, as duas professoras foram receptivas e cooperantes com a pesquisa.

Sendo assim, para entender o contexto dos preconceitos vividos pelo grupo, fez-se necessário relacionar as considerações dos pré-adolescentes com as dos demais participantes.

A princípio, intentou-se saber o ponto de vista das professoras e da mãe de um dos alunos sobre a gordofobia. A mãe foi bastante breve em sua resposta: “[...] desnecessário né, o preconceito”. De forma similar, a P2 considera abomináveis as atitudes cruéis e constrangedoras atinentes ao peso: “Sei lá, uma estupidez por parte da pessoa, né, que tem esse tipo de preconceito [...] quando ela tem esse tipo de comportamento né, quando ela tenta constranger a pessoa por conta disso, faz brincadeiras, gracinhas”.

É possível notar que a professora refere-se ao uso da linguagem para ofender e maltratar a pessoa gorda. Sob essa ótica, Martins (2006, p. 21) salienta que essa ferramenta é usada crucialmente para desvalorizar a imagem da pessoa gorda e “dentro da vertente pós-estruturalista de análise, a linguagem torna-se um conceito chave”. Para o autor, ao nominar o indivíduo de gordo, impõe-lhe também implicações extrínsecas, ou seja, que a pessoa gorda representa falta de controle e doença.

A P1 expõe que conhece pouco sobre o tema e, nesse sentido, Pereira e Oliveira (2016, p. 1) consideram que “[...] a gordofobia ainda é um contexto pouco explorado pelo campo comunicacional em suas análises”. Portanto, é comum os indivíduos não vislumbrarem sobre a temática, já que é um termo pouco divulgado e sistematizado. Contudo, a P1 relata a dificuldade de trabalhar a temática em sala de aula; segundo ela, a intenção de erradicar o problema resulta em uma reação antagônica, por impulsionar ainda mais o preconceito: “[...] porque às vezes a gente entra, aprofunda um pouco mais, aí você acaba causando um impacto muito grande nos alunos, e aí eles começam a..., ao invés de inverter a situação, eles favorecem a situação” (P1).

Desse modo, nota-se que qualquer situação é propícia para a prática da gordofobia, corroborando com as ideias de Scutti et al. (2014, p. 130) de que “[...] estar acima do peso numa sociedade que valoriza a aparência física e o corpo ideal significa poder fazer do indivíduo um alvo para discriminações em diversos contextos, sobretudo em idade escolar”.

Nessa perspectiva, a mãe respondeu que seu filho pré-adolescente não está satisfeito com o corpo dele. Esse fato pode ser relacionado à questão da idade, a qual parece ser o começo das percepções corporais, conforme relata a P1: “[...] eles são pré-adolescentes, na verdade né, eles aí nessa faixa etária que é complicada, os alunos, eles qualquer coisinha, eles já chamam de gordo, já xingam”. O mesmo pensamento é exposto pela P2: “Eu, eu já, o que eu percebo assim, é de quarto, quinto ano”, etapa em que os alunos se encontram na pré-adolescência.

Cabe salientar que, nessa fase do desenvolvimento humano, ou seja, no início da adolescência, o indivíduo enfrenta grandes conflitos, como a sua existência no mundo. Para

Aberasturi e Knobel (1981, p. 35), nessa fase da vida aparecem as primeiras transformações corporais causadas pela puberdade, o crescimento descoordenado dos membros, o luto pelo corpo da infância, a crise de identidade e ainda o desejo de estar incluso nos padrões exigidos socialmente, originando um descontentamento com sua compleição física.

Outra questão desvendada pela pesquisa refere-se ao fato de os alunos se sentirem mais confortáveis para comunicar quadros de gordofobia para os professores e não para os pais. Segundo os relatos das professoras, as crianças trazem ocorrências de discriminação constantemente, “Ah, eles falam ‘Oh, fulano tá me chamando de gordo! Fulano tirou sarro!’ Sim, eles recorrem a gente sim, com certeza (P2)”.

Em conformidade com as palavras de Neto e Campos (2010), o espaço escolar pode ser o lugar mais pertinente para ataques gordofóbicos, principalmente na adolescência, visto que é nessa esfera social “Que os adolescentes que fogem aos padrões sociais considerados normais sofrem práticas excludentes” (NETO; CAMPOS, 2010, p. 17).

Por outro lado, os pré-adolescentes demonstraram que estavam sendo assistidos e compreendidos, apontando que os professores intervêm nas atitudes gordofóbicas “[...] corrigindo as pessoas que fazem essas coisas, né” (A1). Tal narração é confirmada pela P2: “Eu sempre corrijo, quando eu vejo o aluno com algum tipo de... dessa atitude, assim, né, quando vejo que tira algum sarro, alguma coisa, algum apelido, eu corrijo”. Desse modo, acredita-se que o espaço escolar tem aberto possibilidades de intervenção contra a gordofobia.

Entretanto, no âmbito familiar, a mãe declara não haver reclamações de seu filho quanto à discriminação no âmbito escolar: “Não, reclamação na escola não”. É importante ressaltar que na conversa com os pré-adolescentes foi exposto pela maioria que realmente não comunicam tal eventualidade aos familiares, por receio e temor dos responsáveis “[...] nós temos medo deles” (A3). Notou-se, então, que os pré-adolescentes não tinham a confiabilidade em falar sobre o preconceito com a família e, de forma diferente, percebe-se que na escola, embora seja o lugar em que mais sofrem preconceito, tendem a ter liberdade para a comunicação. Desse modo, Martins (2006, p. 54) analisa que:

[...] o excessivo controle do corpo, através da alimentação, e o sentimento de medo em relação à gordura, provinham, em parte, de práticas familiares das crianças do grupo. Em um dos encontros com elas, propus que pensássemos sobre os conceitos de beleza e saúde. Rapidamente houve uma conexão entre esses conceitos e o cuidado de si. As crianças foram unânimes em dizer que para se ter beleza e saúde é necessário cuidar de nossos comportamentos, e, em suas falas, demonstraram que muitas vezes essas “tarefas” se originam no âmbito familiar.

Quanto ao desenvolvimento escolar, as docentes e as crianças concordam que não há constatação de problemas intelectuais: “[...] falar assim, social, dependendo do tipo de atividade que a gente vai fazer, não quer fazer, não quer se expor na verdade né, mas assim, intelectual acho que não influencia tanto não” (A1). Desse modo, pode-se pressupor que os danos causados pela gordofobia abrangem o estado psicológico das crianças, conforme descrito por Scutti et al. (2014), que o preconceito pode ser o motivo de várias complicações emocionais.

4.3 Percepção de gordofobia em relação ao gênero

Desde o início da pesquisa sobre gordofobia, existiam indícios de que há maiores exigências em relação ao sexo feminino quanto à beleza do corpo. De acordo com as opiniões dos entrevistados, esse pensamento literalmente se aplica, isto é, a mulher deve ter curvas perfeitas e delineadas: “Com o corpo perfeito, sempre foi a mulher. A mulher tem que ser desenhada né, tem que ter o corpo perfeito. É, homem você vê um homem, as pessoas veem um homem gordo, não faz tanta diferença, agora quando ver uma mulher gorda, aí” (P1).

Tal pensamento sugere que as preocupações relacionadas ao corpo estão devidamente interligadas ao constante preconceito sofrido pelas mulheres, porque o sexo feminino tende a viver em busca de um corpo perfeito que atenda às exigências sociais: “Assim, no cotidiano, as mulheres obesas vêm tentando moldar seus corpos para que eles possam ser posicionados em um lugar confortável do ponto de vista social” (ARAÚJO; PENA; FREITAS, 2015, p. 2791).

De forma similar, os relatos dos pré-adolescentes foram consonantes com as professoras: “Acho que as meninas, porque são muito vaidosas” (A2). Em suas falas, evidenciam que a preocupação feminina é encontrar um relacionamento amoroso: “São vaidosas e têm que namorar” (A3). A impressão que fica explícita é que, se a mulher não for esbelta, ninguém se interessará por ela, e que nenhum outro valor é válido se não tiver o corpo delineado. Nesse caso, de acordo com Ribeiro (2016), compreende-se teoricamente que a mulher sofre mais preconceito devido ao pensamento machista que define os padrões que deve seguir, então, pressupõe-se que ela seja a principal afetada pelo preconceito. Portanto:

A gordofobia atinge tanto homem quanto mulheres, mas é muito maior nas mulheres. Não que o homem gordo não sofra de gordofobia, mas, na lógica machista, a mulher que é objetificada e padronizada, sendo assim ela se sente muito mais deslocada socialmente do que os homens. Na sociedade machista, o corpo não

pertence à mulher. A ela é negado o direito de decidir sobre sua gravidez, sobre seus pelos, sobre sua forma e sobre seu peso (RIBEIRO, 2016, p. 10).

Por outro viés, um fato relevante a ser discutido é que o grupo de pré-adolescentes participantes do grupo focal foi composto por meninos, havendo apenas uma menina. Por meio de tal eventualidade, pode-se pressupor que o contexto histórico atual está se transformando, e que os homens, assim como as mulheres, estão em conflito com sua percepção física e sofrem também pressão quanto aos relacionamentos amorosos, o que fica explícito no relato de um dos meninos do grupo “[...] Meu pai também me fala isso: ‘Se quer namorar, é só parar de comer e estudar’” (A5).

Desse modo, por mais que haja, teoricamente, a confirmação de que a mulher é a mais atingida pela discriminação, não se pode desconsiderar que o corpo masculino também está sendo alvo de gordofobia. “O corpo do homem sempre sofreu menos cobrança em relação ao padrão de beleza se comparado ao corpo da mulher, mas hoje já se percebe esta cobrança de forma acentuada também em relação ao homem” (NETO; CAMPOS, 2010, p. 27).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo sobre gordofobia, evidenciou-se que os pré-adolescentes sofrem constantemente preconceitos e discriminações em relação a sua estrutura corporal, visto que não estão satisfeitos com seus corpos, que se preocupam com sua forma física e acreditam que a solução seria abster-se da alimentação para que não adquiram tanto volume corporal.

Desse modo, há uma preferência unânime quanto ao corpo magro, como sendo o mais ideal, o mais cobiçado, o mais bonito, e que, para se sentir bem com o corpo, deve-se estar magro. Sendo assim, os pré-adolescentes sentem-se tristes e magoados consigo mesmos, apresentando problemas de autoestima baixa, desencadeando um sentimento de culpa por não fazerem parte do padrão social e cultural que prescreve a magreza como sinal de beleza e saúde. Como consequência, acabam aceitando a posição de desvalorização diante dos xingamentos e de nomes pejorativos.

Em relação ao âmbito familiar e escolar, percebe-se que os pré-adolescentes se sentem mais à vontade de falar sobre o assunto nas escolas. Por mais que as situações de gordofobia aconteçam numa escala maior no espaço escolar, os pré-adolescentes sentem-se compreendidos, havendo intervenções por parte dos docentes, conscientizando os alunos sobre os problemas causados pelo preconceito.

A questão é que essa intervenção acontece casualmente, isto é, quando há reclamações por parte dos alunos, o que deveria ser refletido nas instituições de ensino e trabalhado de forma ampla, como campanhas e projetos para conscientizar que o preconceito causa desconforto e traumas. Quanto ao campo familiar, predominou a percepção de que o assunto não é discutido e problematizado, e que os estudantes preferem não relatar tais situações.

No que diz respeito ao gênero, todos os participantes declararam que a mulher é a mais atingida em relação à gordofobia. No entanto, o grupo de pré-adolescentes que fez parte da pesquisa, descrevendo suas insatisfações com o corpo, foi formado pela maioria do sexo masculino. Desse modo, a análise geral é que outrora o corpo feminino foi julgado e pressionado a atender os padrões de beleza exigidos socialmente, todavia, atualmente, esse cenário está se transformando e, independentemente do sexo, a preferência pelo corpo perfeito e magro perpassa por ambos os gêneros.

Portanto, diante do estudo realizado, é possível afirmar que os indivíduos estão cada vez mais dependentes de aceitação social, principalmente no que diz respeito à sua aparência física e que, independentemente do sexo, todos os sujeitos podem sofrer discriminação pelo fato de ser gordo, pensamento esse fortemente propagado pela mídia. Assim, destaca-se a necessidade de haver mais estudos sobre a temática, devido às evidências obtidas na presente pesquisa, sobre a gordofobia poder causar sérios transtornos no convívio social, tanto em âmbito escolar quanto familiar.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: Um enfoque psicanalítico. Trad. Suzana Maria Garagoray. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ALVES, A. J. M; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. Pioneira, São Paulo- SP, 2000.
- ARAÚJO, K. L; PENA, P. G. L; FREITAS, M. C. S. Sofrimento e preconceito: trajetórias percorridas por nutricionistas obesas em busca do emagrecimento. **Ciência & saúde coletiva**. p. 2787-2796. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n9/1413-8123-csc-20-09-2787.pdf> Acesso em: 11 maio 2020.
- BECK, D. Q; GUIZZO, B. S. Corpo, mídia e embelezamento: identidades de gênero na infância. **Perspectiva, em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**. Naviraí, MS. v. 3. n. 6. p. 3-24. jul./dez. 2016.

CARVALHO, E. M.S: RIPOLL, D. Escritos sobre corpo, cinema e Educação. **Revista Textura (ULBRA)**, v. 14. n. 26. 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/974> Acesso em: 22 jun. 2020.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**. Curitiba, PR, n. 24, p. 213-225. 2004. Disponível em: www.scielo.br/pdf/er/n24/n24Avô11.pdf. Acesso em 12 fev. 2021.

FORT, M. C; SKURA, I; BRISOLARA, C. B. C. Corpos jovens e magros: imposições midiáticas, pressões sociais, angústias pessoais. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** São Paulo SP. 2016, p. 1-15. Disponível em <http://cev.org.br/biblioteca/corpos-jovens-e-magros-imposicoes-midiaticas-pessoes-sociais-angustias-pessoais>. Acesso em: 30 abr. 2018.

FREITAS, C. M. S. M. *et al.* O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante IMC. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**. v. 24. n. 3. p. 389-404. Jul./set. 2010.

GATTI, A. B. **Grupo focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF. Líber Livro. 2005

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6^a. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

LOURO. G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARTINS, J. **Tudo menos ser gorda: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza**. Porto Alegre, RS. Tese (mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS/RS. 2006. Disponível em: http://www.ufrgs.br/neccso/pdf/dissertac_tudomenosgorda.pdf Acesso em: 22 jun. 2021.

MELO, F. V. S.; FARIAS, S. A.; KOVACS, M. H. Estereótipo e Estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. **Organização e Sociedade**, v. 24. n. 81. p. 305- 324. Salvador abr./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/osoc/v24n81/1413-585X-osoc-24-81-0305.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

MELO, J. A. **O corpo gordo: diálogos poéticos em Elisa Queiroz e Fernanda Magalhães**. 168 f. 2015. Tese (mestrado em Artes). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, ES, Vitória 2015.

NETO, I. B; CAMPOS, I. G. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes. **Caderno de Educação Física**, v. 9. n. 17. p. 87-99. 2010.

NOVAES, J. V. **Perdidas no espelho? Sobre o culto ao corpo na sociedade consumo**. 2001. 935p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2009.

PEREIRA, B. B.; OLIVEIRA, P. P. Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. **INTERCON- Sociedade Brasileira de Estudos**

Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo, 2016. Disponível em: portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1719-1.pdf Acesso em: 24 jun. 2021.

PRIORE. M. D; FREIRE. D. S. O corpo feminino e o preço da inclusão na cultura contemporânea. **Mnemosine.** Rio de Janeiro RJ, v. 1. n. 1. p. 217–233, 2005. Disponível em: http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/51/pdf_37 Acesso em: 16 set. 2020.

RIBEIRO, L. S. J. Gorda. In: **Relatório técnico** (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação, 2016. Disponível em <http://www.pantheon.ufrj.br/handle/11422/566> Acesso em: 16 mar. 2021.

RODRIGUES. M. O gordo, o belo e o feio: o embate entre obesidade e padrões estéticos. **ComCiência.** Campinas, SP, n. 145. 2013. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000100005&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 16 set. 2021.

SAMPAIO, F. A. **Gordofobia:** as vozes da opressão no gênero piada. 2018. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade,** Porto Alegre, v. 2, n. 20, jul./dez. 1998.

SCUTTI, C. S. et al. O enfrentamento do adolescente obeso: a insatisfação com a imagem corporal e o bullying. **Rev. Fac. Ciênc. Méd.** Sorocaba, v. 16. n. 3. p. 130-133. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/15188> Acesso em: 10 maio 2020.

VASCONCELOS, N. A; SUDO, I.; SUDO, N. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista Mal-Estar e Subjetividade.** Fortaleza, v. 4. n. 1. p. 65-93. 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/271/27140104.pdf> Acesso em: 24 jun. 2020.

VILHENA, J; Novaes, J. V; ROCHA, L. Comendo, comendo e não se satisfazendo: apenas uma questão cirúrgica? Obesidade mórbida e o culto ao corpo na sociedade contemporânea. **Revista Mal-Estar e Subjetividade.** Fortaleza, v. VIII. n. 2. p. 379-406, jun. 2008. Disponível em: <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1655/3597> Acesso em: 29 abr. 2021.

WIGGERS, I. D; SIQUEIRA, I. B; PASSOS, E. R. A. P. A infância na era das mídias: corporeidade em foco. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte,** Florianópolis, v. 36. n. 2. p. 5156-5166, abr./jun. 2014.

ZOTTIS, C; LABRONICI, L. M. O corpo obeso e a percepção de si. **Biblioteca digital de periódicos Cogitare Enfermagem.** V.7.n.2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1665> Acesso em: 10 maio 2021.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SOUZA, V. C. S; GONÇALVES; J. P. Gordofobia e Questões de Gênero na Perspectiva de Estudantes Pré-Adolescentes. **Rev. FSA**, Teresina, v. 20, n. 1, art. 12, p. 228-252, jan. 2023.

Contribuição dos Autores	V. C. S. Souza	J. P. Gonçalves
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X